

# JOVENS E A ARTE NA CIDADE: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ARTEURBE

Andréa Vieira Zanella  
Bruna Berri  
Fernanda Lima Fonseca  
João Gabriel Neves  
Renan De Vita Alves de Brito

## INTRODUÇÃO

Segue neste relatório a apresentação do projeto de pesquisa e extensão ArteUrbe, coordenado pela Prof. Dra Andréa Vieira Zanella e com a participação de Renan De Vita Alves de Brito e Fernanda Lima Fonseca (bolsistas CNPq), Bruna Berri e João Gabriel Neves (bolsistas de extensão), Gabriel Bueno e Raquel Alves (participantes externos – psicólogos e artistas urbanos), e Danka Umbert (participante externo – artista plástico). O projeto teve uma edição no primeiro semestre e duas edições no segundo semestre de 2011, serão descritos os encontros da primeira edição do projeto no segundo semestre de 2011.

No decorrer dos seis encontros que compreenderam essa edição do projeto trabalhamos com o grupo de jovens, via atividades e conversas, o olhar crítico e estético do cotidiano da cidade, buscando ao máximo sair do senso comum, dos conceitos daquilo que é “certo” ou “errado”. O trabalho sustentou-se na realização de oficinas estéticas com a mediação de diferentes linguagens artísticas, como fotografia, grafite, stêncil e lambe-lambe.

Os jovens participantes das oficinas foram alunos do ensino médio ou dos últimos anos do ensino fundamental de escolas públicas. Durante a divulgação do projeto nas escolas públicas podemos observar que muitos jovens que possuíam enorme interesse em participar das oficinas não puderam comparecer, pois trabalhavam no período vespertino – período no qual as oficinas foram realizadas. Tentamos atingir, de certa maneira, a realidade desses jovens que não possuem as condições que a sociedade capitalista impõe para ter acesso ao “mundo da arte”, mundo dos museus, das galerias artísticas, espaço restrito a um grupo mínimo de pessoas, embora a arte, essa

possibilidade ilimitada de criar, seja acessível a todos, mesmo que o cotidiano nos vede quando estamos em contato com ela.

Concordando assim com os estudos de “Re-criar a (na) Renda de Bilro: Analisando a Nova Trama Tecida” onde diz que “A sociedade capitalística pautada por relações de dominação e subordinação, aparentemente garante espaço para o imaginar e valoriza a ação criativa. No entanto, alguns sujeitos são expropriados da condição de protagonistas de suas próprias histórias de vida e da possibilidade de criar, embora sejam, ainda assim, sujeitos.” (ZANELLA; BALBINOT; PEREIRA, 2000, pág. 520)

Após a divulgação e a realização das inscrições, aconteceram as oficinas que em seu todo ocorreram em seis sextas-feiras à tarde, em salas de aula do CFH e no espaço do Centro de Convivência, da Universidade Federal de Santa Catarina. Semanalmente observando o olhar do jovem sobre a cidade onde residem, seu ideal do que é a cidade, do que é a arte, e de como realizar essa mistura que resultou em paredes lindas, únicas, críticas e coloridas, deixando pra trás o olhar monocromático que possuímos em nosso cotidiano, onde os jovens relatam que muitas vezes sentiram-se desconfortáveis ou até mesmo curiosos ao encontrar cidadãos e imaginarem qual é a realidade vivida por este e se esta é parecida com a sua. Acordando, dessa forma, com o texto “Ars Anarchica – Arte, Vida e Rebeldia” onde que essa pressão que os jovens relataram durante os seis encontros passa a ser característica de um todo. “Todos já sentimos, ao perambular pela cidade, a pressão da multidão anônima, a monotonia de ruas e casas aparentemente iguais, a tensão junto ao caos dos transportes e também o estranhamento de estar no meio de tantas pessoas, cada qual com um caminho diferente. A cidade é o local de ilimitadas possibilidades, de encontros e movimentos.” (NORTE, 1998)

Os processos grupais foram norteadores no desempenho alcançado durante as oficinas, após entrevistas realizadas posteriormente ao fim dos encontros podemos verificar que a maioria dos jovens entrevistados relatou o quanto foi importante a interação com o grupo acerca da proximidade pelo mesmo interesse. Alguns contaram que nunca haviam conhecido jovens tão parecidos consigo mesmos, e que as dinâmicas foram essenciais para o sucesso dessa interação.

### **1º encontro - Olhar estrangeiro**

O objetivo do encontro era apresentar o que seria feito no projeto e realizar dinâmicas para a interação dos participantes e formação do grupo. Era importante para o

projeto que o ambiente dos encontros fosse acolhedor e aberto para opiniões. Foram 17 jovens inscritos, mas apenas 11 participantes apareceram (3 meninos, 8 meninas) nesse dia, todos com idades entre 13 e 17 anos. Num primeiro instante nos apresentamos (Renan, Gabriel, Bruna e Fernanda – bolsistas de extensão e de iniciação científica, coordenadores do projeto). Em seguida, começamos as apresentações pedindo para que eles fizessem duplas e conversassem um pouco, dizendo nome, idade, ocupação, o que gostavam de fazer. A seguir as duplas dividiam com o grande grupo o que foi conversado, um apresentando o outro, o qual conversaram.

Após todos terem sido apresentados ao grande grupo, passamos para outra dinâmica. Pedimos aos participantes que caminhassem pela sala e ao comando de uma palma se reunissem em grupos de acordo com o critério que seria dado após a palma. Os participantes tinham de ouvir os critérios (gênero musical, signo, local favorito, esporte favorito) e criar um grupo de acordo com seu gosto ou se juntar a um grupo, a qual identificava, já criado por outro participante. As dinâmicas possibilitaram entender como estava disposto esse grupo.

Das dinâmicas passamos para uma atividade mais voltada ao tema do projeto: para apresentar o que seria feito durante os outros encontros, discutimos um pouco o tema “Arte”. Foi apresentado um conceito de arte com o objetivo de relativizar o fazer artístico, tirando-o de uma posição inacessível para uma possibilidade que está presente na vida de cada indivíduo.

A atividade poética não é um privilégio de poucos, não está destinada a uma nata de indivíduos presenteados com um talento especial. De acordo com Vigotski: “Se compreendermos a criação, em seu sentido psicológico verdadeiro, como a criação do novo, será fácil chegar à conclusão de que a criação é o destino de todos” (Vigotski, 2009, p.51). Desta forma, o fazer artístico aparece como um campo de exercício da criatividade.

O uso das técnicas artísticas para o exercício de criação se justifica por oferecer uma possível linguagem para a expressão dessa criatividade, tendo consciência de que: “A necessidade de criar nem sempre coincide com as possibilidades de criação e disso surge um sentimento de sofrimento penoso de que a ideia não foi para a palavra” (Vigotski, 2009, p.55). Ao mesmo tempo essa linguagem possui uma lógica própria, e se relaciona com a realidade com a capacidade de modificá-la.

Através dessa discussão de arte como uma possibilidade chegamos ao tema da “Cidade”. O espaço público foi colocado na discussão como um locus para o fazer artístico, sendo que esse fazer é capaz de modificar as relações que estabelecemos com/na cidade. O artista não inventa algo completamente novo, ele combina elementos já vivenciados na realidade, geralmente combinando-os pelas suas semelhanças no campo afetivo. O produto da criação artística deixa de ser somente criatividade e se torna um objeto pertencente ao mundo real, podendo, dessa forma, influenciar nele sendo a obra criatura e criadora.

“A construção da fantasia pode ser algo completamente novo, que nunca aconteceu na experiência de uma pessoa e sem nenhuma correspondência com algum objeto ou fato existente; no entanto, ao ser externamente encarnada, ao adquirir uma concretude material, essa imaginação “cristalizada”, que se fez objeto, começa a existir realmente no mundo e influir sobre outras coisas.”

## **2º encontro - Brincando com as cores**

Começamos as atividades impressionados com a quantidade de pessoas que vieram ao projeto nesse segundo encontro, ao todo 19. Esse número se deve ao fato de que jovens do primeiro encontro chamaram seus amigos para participar também. Embora essa entrada de pessoas novas tenha perturbado um pouco a constituição do grupo que já havia se integrado no primeiro encontro, por esse motivo decidimos que no terceiro encontro seria feita uma dinâmica de interação para que este novo grupo não se caracterize pela desunião, ou presença de muitas “panelinhas”.

No primeiro momento da oficina foi apresentado um pouco da história e das técnicas básicas de fotografia, algumas pessoas demonstraram interesse pelo assunto, mas foi notável que muitos estavam dispersos e pouco prestaram atenção no que estava sendo apresentado. Fizemos uma apresentação de slides o mais dinâmica possível, demonstrando tudo imagens e gravuras.

No segundo momento, foi apresentado um pouco da história do Grafite ampliando um pouco também para a pichação, sua polêmica e questões de ética, também com o acompanhamento de slides. Notamos o mesmo (des)interesse de parte aleatória do grupo. Não conseguimos definir se essa ausência de foco foi causada pela presença de novos integrantes no grupo ou pela monotonia que a apresentação teórica causa.

Quando levamos o grupo ao Centro de Convivência para testarem as práticas aprendidas de Grafite em uma parede do mesmo, houve uma mudança significativa na participação do grupo: ainda separado em pequenos grupos, mas agora mais dinâmicos, todos testaram formas geométricas (quadrado, círculo) com o spray na parede e depois um preenchimento.

A ansiedade em pegar o spray e registrar a sua marca na parede era visível no rosto dos jovens. Após todos testarem as técnicas básicas, deixamos a parede e os sprays livres para eles fazerem o que quisessem e treinar suas técnicas para o terceiro encontro. Ao fim do segundo encontro todos saíram com um quê de satisfação, o que nos deixou também satisfeitos. Na saída foram distribuídas as máquinas descartáveis (limite de 24 fotografias com filme, opção de flash) que foram devolvidas após duas semanas para que as fotografias fossem reveladas e observadas por todos no último encontro.

### **3º encontro - Colorindo o muro**

Nesse terceiro encontro a proposta era continuar a Oficina de Grafite. Porém, com a chegada de novos integrantes no segundo encontro, resolvemos que seria importante realizar mais uma dinâmica de integração para que os novos integrantes e os já pertencentes se sentissem unidos, constituíssem de fato um grupo. Desenvolvemos a dinâmica planejada, embora nesse terceiro encontro tenhamos contado com somente 10 participantes, já que muitas pessoas de um colégio específico estavam em semana de provas e resolveram ausentar-se por esses motivos.

Fizemos todos andar sem rumo e o utilizando um código de palmas (uma palma era trocar de direção, duas pular, por exemplo), o que os deixou descontraídos e receptivos para uma maior exposição de idéias.

Logo após formamos sub-grupos de 5 pessoas para uma representação de algum local ou situação característica da cidade. Foram formadas cenas de faixa de pedestre, mostrando a dificuldade que é atravessar a rua, o conflito entre motoristas, solidariedade entre pessoas; cenas de briga na rua, onde um casal discute e brigam e pessoas alheias os vêem e tentam separá-los e também cenas de camelô tentando enfatizar o cotidiano dos vendedores de rua, assim como deficientes físicos e estátuas que pedem dinheiro.

Depois fizemos uma formação corporal dos elementos da cidade: estávamos sentado em roda e um por um ia até o centro e fazia um elemento/objeto da cidade, como um poste, por exemplo, depois outro jovem fazia o mesmo, porém formava outro objeto – formaram-se carros, postes, lixeiras, árvores, motocicletas, bicicletas, bancos, entre outros -, até no fim todos estarem participando e formando uma cidade, permanecendo na mesma estrutura de cidade falamos o que éramos e o que queríamos representar com isso. O que mais nos chamou atenção é que um jovem, especificamente o mais novo, fez a Estátua da Liberdade, um dos principais símbolos de NY/americano. Havia também em nossa cidade guardas de trânsito, pedestres, cachorros, lixeira, poste, motoristas de moto e de carro. Então após termos explicado a situação ou o lugar que queríamos representar tínhamos o direito de aleatoriamente modificar alguma parte da cidade e depois voltávamos para o nosso lugar, já ou não modificado. A Estátua da Liberdade foi transformada em Cristo Redentor por outro jovem participante, postes foram transformados em árvores, e carros em bicicletas.

Após a dinâmica, decidimos com uma conversa com o grupo a base do que iria conter no nosso Grafite, fundamentado nas representações que tivemos da cidade e aplicamos este numa parede do Centro de Convivência. Como já tinham sido apresentadas e treinadas as técnicas no último encontro, nesse encontro decidimos o que grafitar e fomos aplicar o desenho no muro. Contamos para tanto com a presença de dois participantes extras, artistas do grafite, convidados a nos auxiliar com o esboço de cidade no muro, para depois ser grafitado pelos jovens.

Os pequenos detalhes do desenho em geral foram formados por pequenos grupos, mas os jovens tinham o cuidado de conciliar os seus desenhos com os desenhos de outros grupos, para que formassem um grande desenho, com várias informações, enquanto um fazia uma árvore, outra fazia uma menina embaixo da árvore, outro fazia um prédio ao lado da árvore, outro um disco voador em cima do prédio, criando assim uma grande e colorida cidade imaginária. Foi notável a alegria e espontaneidade dos jovens ao poderem pegar o spray na mão para exteriorizar sua arte, após o encontro muitos relataram verbalmente que a sua opinião sobre o projeto foi modificada neste momento.

#### **4º encontro – Modelando espaços**

Iniciamos o quarto encontro com uma apresentação de slides com imagens de stencil que são famosas e algumas para mostrar o quanto pode ser simples ou complexo a aplicação dessa técnica.

Explicamos brevemente as técnicas de fabricação de stencil. Muitos jovens trouxeram já a imagem que gostariam de aplicar, logo que no encontro anterior lembramos que haveria stencil neste encontro e que estavam liberados para trazerem de casa o que gostariam de criar, já outros procuraram durante o encontro imagens na internet, imprimimos e eles fizeram os moldes.

A escolha dos moldes foi diversa, apareceram Charlie Chaplin, borboletas, flores, o próprio nome, Bob Marley, surfistas, skatistas, notas musicais, entre outros. Entre essas escolhas é notável que muitos optaram em fazer rostos de seus ídolos.

Após a escolha os jovens sentaram em um círculo e começaram a confecção de suas formas. Com um desenho, um estilete e uma chapa de radiografia, os jovens recortavam qual parte do desenho eles gostariam que fosse preenchida por spray e assim fabricaram seus moldes.

Após a confecção dos moldes, levamos os jovens novamente ao Centro de Convivência para a aplicação do stencil, a qual não foi feita apenas nas paredes, mas também em camisetas, já que no encontro anterior apresentamos a ideia e alguns deles trouxeram para que fosse realizada a aplicação. Notamos um forte companheirismo entre as meninas do grupo, todas ajudavam-se para a aplicação com spray, já os meninos realizavam as atividades individualmente. As paredes e os tecidos iam ganhando várias cores para um mesmo molde, formando desenhos com degrados de imagens, e composições em grupo.

## **5º encontro - Tirando do papel**

No quinto encontro realizamos a oficina de lambe-lambe, onde nossa convidada Raquel – psicóloga e artista urbana – apresentou slides que relatavam um pouco da história dessa técnica, artistas famosos, e até mesmo seus próprios lambes espalhados pela cidade. Após a apresentação, distribuimos papéis, canetas, lápis de cor, canetinhas e revistas para que eles pudessem produzir o seu desenho para ser aplicado também em uma das paredes do Centro de Convivência.

Após a produção dos desenhos, tiramos fotocópias para aqueles que gostariam de aplicar mais de uma cópia do seu desenho. Então todos fizeram os recortes dos

papéis e os encaminhamos para o Centro de Convivência, a Raquel fez uma demonstração a todos de como se produz a cola para a colagem dos desenhos/frases. A receita é muito simples, vai apenas água e maisena, fica-se mexendo até a mistura tornar-se transparente. A maioria ficou muito curiosa ao modo de fazer justamente por ser algo simples e eficaz. A presença de Raquel foi essencial nesse dia do projeto.

Com a cola pronta, levamos os jovens à parede do Grafite para que pudessem pensar em uma maneira de ali intervir com seus lambes. Muitos já haviam pensado antes de fazer seus lambes onde colocariam, já que o objetivo tinha sido previamente comunicado.

Os desenhos representavam assuntos diversos, mas cada qual com um significado particular para cada um deles, haviam fotografias de ídolos, ondas da mar – escolhida por quem surfava -, desenhos de seus desenhos preferidos, animais que possuíam, entre outros.

A parede ficou linda, encerramos a aplicação nas paredes com muito orgulho do resultado e com a certeza de que valeu a pena.

## **6º e último encontro - (Re)conhecendo as imagens**

Ao primeiro momento do último encontro espalhamos as cadeiras em forma circular, a fim de distribuímos as fotografias, já reveladas, no centro da sala. Antes mesmo de começarmos a dinâmica os jovens já olhavam as fotografias tentando reconhecê-las. Ao todo neste encontro houve a presença de 12 jovens.

Com a presença desses jovens, começamos uma dinâmica onde cada um deveria escolher dentre todas as fotografias alguma que não fosse sua, mas que chamasse muito a sua atenção. A maior parte das fotos escolhidas eram imagens de paisagens, seja como pôr-do-sol, o mar, as montanhas, ou estreitas ruas vazias.

Em seguida, pedimos aos jovens para escolherem a sua própria fotografia preferida, e explicassem um pouquinho de como foi esse processo e como e o porquê haviam escolhidos certos temas para registrar. Nos chamou a atenção uma garota que recém havia se mudado para Florianópolis (era de São Paulo, capital) ela resolveu tirar as fotografias de pessoas que encontrava na rua e que, por serem diferente, lhes chamava a atenção, atreveu-se também a perguntar a essas pessoas se as mesmas sofriam algum tipo de preconceito por possuírem essa diferença estética do dito “normal”, pelo seu discurso, os fotografados revelaram-se surpresos pelo pedido, muitos



não mantinham a conversa, embora outros passaram algum tempo conversando e relatando experiências de preconceito ou de exclusão por se vestirem diferente ou por possuírem um corpo tatuado. Em geral, os outros jovens registraram fotos de seu cotidiano e, especialmente, de ambientes naturais, norteados pela presença da praia como lugar preferido.

Aproveitando a temática das diferenças, abordamos o assunto para o cotidiano dos jovens e o preconceito que os mesmos sofriam. É uma cidade que alguns sentem que de certa forma incomoda, por não serem aceitos por terem um cabelo diferente, uma maneira alheia de se vestir, uma cidade onde muitos sentiam-se “ninguém” (palavra mencionadas por eles), onde queriam se impor, mas sentiam-se reprimidos pela falta de direitos. A cidade deixa de ser um espaço exclusivo da rotina, para tornar-se um lugar de conflito, da falta de conforto.

Por último, colocamos uma folha em branco nas costas de cada um e distribuímos canetinhas para que os jovens pudessem deixar recados uns aos outros, propositalmente nas costas para que não pudéssemos ver o que escreviam até terminarmos de escrever também, e ao fim perguntamos aos jovens o que haviam achado do Projeto ArteUrbe.

Recebemos considerações muito positivas em relação às dinâmicas e oficinas oferecidas, muitos perguntaram se, caso houvesse outra edição, poderiam participar novamente.

Para terminarmos as atividades, realizamos uma confraternização com salgadinhos, bolachas, sucos e refrigerantes como forma de despedida de um projeto que com certeza vai deixar saudades.

## **CONCLUSÃO**



17. Grafite realizado pela segunda edição do segundo semestre de 2011 / Projeto ArteUrbe.

Os jovens participantes das oficinas, alunos do ensino médio ou dos últimos anos do ensino fundamental de escolas públicas, embora vivam na mesma cidade, Florianópolis, enfrentam em seu cotidiano realidades ímpares, realidades únicas que os impulsionou muitas vezes a relatar o seu dia-a-dia ao grupo. Foram conversas que se expandiram de muros grafitados ao preconceito que muitos sofriam por serem diferentes e/ou buscarem essa diferença do comum. O gosto pela arte, especificamente a urbana, era de caráter amplo: embora todos tenham manifestado preferência por alguma oficina específica.

Observamos que todos continham certo olhar cansado do velho ir e vir por muros e prédios brancos e cinza, esses jovens esperavam encontrar algo diferente do que costumam ver e pretendiam utilizar as técnicas aprimoradas com as oficinas para aplicar essa mudança que pretendem ver. No texto “Artes visuais da cidade: relações estéticas e constituição do sujeito” as autoras apresentam essa noção atual de cidade como especialmente a de passagem e não a cidade que se admira, se percebe. “A estrutura da cidade atual viabiliza esse trânsito rápido e contínuo de pessoas desconhecidas, permeado de imagens sobrepostas e superficiais, que se impõem veementemente a um olhar desatento pelo espaço. A duração do olhar sobre o urbano é a duração do segundo que se faz necessário para ir, para passar, sendo rara a duração que se perde na contemplação.” (FURTADO; ZANELLA, 2077, pág. 317)

Após a finalização da primeira edição do Projeto Arte/Urbe sem dúvidas nossa percepção sobre a cidade onde vivemos modificou-se juntamente com a dos jovens. Observar o ambiente no qual caminhamos, as cores que se misturam em um dia onde o tempo sempre parece ser curto demais contrastaram com a nossa maneira monótona de olhar o mundo, como se berrassem por um pouco de atenção.

Conviver com esses sujeitos que vivem nessa cidade e compartilham esse gosto em fazer/admirar/respirar arte foi uma experiência incrível e de grande contribuição para o nosso crescimento como estudante de Psicologia. Participar dessa prática a qual vai muito além da teoria é essencial para todo universitário. Trabalhar com jovens que possuem esse olhar crítico e não temem questionar o lugar o qual pertencem nos faz abrir a mente e incentivar, não somente jovens, mas as pessoas as quais nos circundam no dia-a-dia a também abrirem seu olhar para esse caminho colorido, mas que muitas vezes enxergamos em preto e branco.

Participar da experiência desses jovens em apenas seis encontros faz com que nós nos questionemos sobre a existência de quantos jovens que não possuem essa oportunidade de pegar um spray na mão e deixar uma mensagem que sim, ele existe e sim, ele pode mudar sua cidade. Nas divulgações do projeto nas escolas foram notáveis alguns olhares tristes que gostariam muito dessa oportunidade, mas não podiam por necessidade de trabalhar. Logicamente, não podemos oferecer o projeto a todos os jovens que realmente gostariam de participar, mas iniciar o lado prático estético com alguns desses, fato que não existia há poucos anos, nos faz pensar que se inicia uma possibilidade do estético e da cidade tornarem-se realidade de todos. Acerca disso, levando em conta que as oficinas estéticas abordadas permitem compartilhar desejos e aflições, os jovens envolviam-se modificando o seu olhar e sua vontade de agir diante da cidade. No livro “Psicologia da Arte”, Vygotsky apresenta essa ideia de arte não apenas como a criação, mas também como fator modificante social.

“A arte introduz cada vez mais a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, formula para a mente e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinido e imóvel.” (Vygotsky, 1999, p.316).

## **REFERÊNCIAS**

FURTADO, J. R.; ZANELLA, A. V. *Artes visuais na cidade: relações estéticas e constituição dos sujeitos. Psicol. rev. (Belo Horizonte)* vol.13, n.2, pp. 309-324. ISSN 1677-1168, 2007.

HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

NORTE, S. A. Q. *Ars Anarchica: Arte, Vida e Rebeldia*. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 18, n. 35, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L.S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo : Ed. Ática, 2009. Comentários de Ana Luiza Smolka.

ZANELLA, A. V.; BALBINOT, G.; PEREIRA, R. S.. *Re-criar a (na) renda de bilro: analisando a nova trama tecida*. Psicol. Reflex. Crit., vol.13, n.3, pp. 539-547. ISSN 0102-7972, 2000.

dade e Doutoranda em “Estudios de Género” pela Universidad de Valencia/Espanha)